

Leitura, escrita e ensino

Discutindo a formação de leitores

VICTORIA WILSON
JACQUELINE DE FATIMA DOS SANTOS MORAIS
(ORGS.)



LEITURA, ESCRITA E ENSINO
Discutindo a formação de leitores
Copyright © 2015 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Capa: **Buono Disegno**

Imagem da capa: **Tasia12/Shutterstock.com.br**

Produção editorial: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

APRESENTAÇÃO	7
Jacqueline de Fatima dos Santos Morais e Victoria Wilson	
1 INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, LEITURA E APROXIMAÇÕES INVENTIVAS NO TERRITÓRIO DA BIBLIOTECA	15
Rosimeri de Oliveira Dias, Rafaela Corrêa Silva e Renata de Souza Moura	
2 LEITURAS E SOCIABILIDADES	35
Iza Quelhas	
3 LITERATURA NA UNIVERSIDADE: DOS CONCEITOS PEDAGÓGICOS À FRUIÇÃO LITERÁRIA	61
Glauca Guimarães e Maria Cristina Ribas	
4 POR UMA ALFABETIZAÇÃO CIDADÃ: POR QUE LER E ESCREVER A CIDADE DE SÃO GONÇALO COM OS SUJEITOS ESCOLARES?	95
Maria Tereza Goudard Tavares	
5 ENTRE NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS INVESTIGATIVAS: ENTRECRUZANDO FIOS DE HISTÓRIAS	119
Mairce da Silva Araújo e Simone Ribeiro Barros André	
6 LITERATURA INFANTIL NO ENSINO SUPERIOR: UMA PROPOSTA VIVIDA NO CURSO DE PEDAGOGIA	139
Jacqueline de Fatima dos Santos Morais	

- 7** LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
NOTAS SOBRE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS ESCOLARES . . . 157
Marcia Soares de Alvarenga
- 8** GÊNEROS DISCURSIVOS, ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E
PRÁTICA DOCENTE: A VIDA EM CAPAS DE REVISTAS 179
Isabel Cristina R. Moraes Bezerra
- 9** A LEITURA DA PALAVRA ALHEIA E A CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR 213
Victoria Wilson e Bruno Araújo

APRESENTAÇÃO

Percorrendo os caminhos da leitura, da literatura e do ensino em direção à formação de leitores

Jacqueline de Fatima dos Santos Morais

Victoria Wilson

PODEMOS AFIRMAR, SEM MEDO de errar, que a importância do ensino de leitura e, conseqüentemente, de sua prática hoje se tornou um consenso. Não há quem não defenda o direito à alfabetização de todos e a ampliação de políticas de promoção da leitura para crianças, jovens e adultos. E, nessa direção, o acesso ao livro, em suas múltiplas configurações, formatos, temas e estilos, apresenta-se como fundamental para garantir, em diferentes contextos, a incorporação de práticas de leitura à vida cotidiana. Defendemos que ler é fundamental, como também o é compreender esse artefato cultural e as práticas dele decorrentes em sua complexidade. E, como cremos ser necessário ultrapassar o discurso de mera constatação da importância e vitalidade do livro, para seguir em direção a ações concretas, estamos apresentando uma produção que é a materialização de nosso esforço e compromisso com a ampliação da leitura e de leitores: o livro *Leitura, literatura e ensino: discutindo a formação de leitores*.

Os estudos reunidos nesta obra nasceram de um desejo e uma intenção comuns: a de compartilhar com os futuros leitores experiências acadêmicas e profissionais com a leitura e a escrita e com a formação de leitores, além dos espaços destinados a essa função. Apesar dos diferentes textos e autorias, este livro é fruto de um trabalho coletivo, elaborado por profissionais de diferentes setores e áreas da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). É a mate-

rialização de um processo resultante de um projeto anterior, e a ele também responde. No ano de 2009, um conjunto de profissionais, alguns dos quais compõem o grupo de autores deste trabalho, elaborou um projeto de ampliação física e do material bibliográfico da biblioteca (CEHD) da faculdade, para submetê-lo à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Dentre os objetivos principais desse projeto, destacavam-se, em primeiro lugar, a necessidade de contribuir para a formação de profissionais, estudantes e pesquisadores, capazes de formar leitores e assim poder disseminar o interesse pela leitura em seus espaços de atuação e intervenção, partindo do princípio de que o acesso à leitura é um direito; em segundo lugar, o desejo de suprir a crescente demanda por fontes de pesquisa advinda da comunidade externa à nossa unidade de ensino, também usuária de nossa biblioteca. Tivemos êxito em nossa proposta e, atualmente, podemos afirmar o quanto o incentivo institucional e os trabalhos resultantes desse processo têm sido enriquecedores para os objetivos pretendidos.

Este livro nos é muito caro por essa razão e, além disso, pelas condições de sua produção; pela natureza de seu objeto e foco; pelo público a que se destina; e pelas perspectivas teórico-metodológicas adotadas. Há, em toda a obra, vozes que circulam, em comunhão – com todas as sutilezas que as distinguem. Fica claro, por meio da leitura dos textos, o tom uníssono, não dissonante dos textos: singulares em seus relatos de experiência e pesquisa; plurais na riqueza da descrição de detalhes particulares de cada objeto de estudo, nas reflexões aprofundadas sobre *a importância do ato de ler* (e, conseqüentemente, de escrever) e nas suas repercussões no ensino. Como todos os avanços tecnológicos, em meio à modernidade urbana estonteante, simplificadora, imediatista, muitas vezes superficial e veloz, os textos parecem contrariar visões enrijecedoras e empobrecedoras e clamam por aquilo que é essencial ao humano, ou à humanidade; reivindicam a palavra literária, o direito (acessibilidade) à leitura,

à palavra, enfim. Há possibilidade de ver, viver, experimentar um mundo de modo diferente de uma concepção que nos é apresentada de forma pronta e acabada. Todos os textos identificam novas possibilidades de ver e ler o mundo para, assim, podermos escrevê-lo, escrever a nossa história dignamente, com atitude, crítica e respeito ao outro.

O primeiro capítulo segue nesse sentido e trata de uma experiência escolar na biblioteca. “Iniciação à docência, leitura e aproximações inventivas no território da biblioteca”, escrito por Rosimeri de Oliveira Dias, Rafaela Corrêa Silva e Renata de Souza Moura, explora a experiência do projeto Biblioteca Viva no seio da escola básica, supervisionado pelas professoras envolvidas do Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares (CECMS). A aproximação inventiva, segundo as autoras, consiste no desenvolvimento de diferentes atividades com a reformulação das que já existem para pensar (em) outros modos de fazê-las, com o objetivo de realizar parcerias e, assim, adentrar o plural universo escolar. A ideia é “mostrar possibilidades de se deslocar e tensionar processos formativos que ligam práticas e leituras entre os territórios da universidade e da escola básica”.

“Leituras e sociabilidades”, de Iza Quelhas, é o segundo capítulo, que propõe uma reflexão rica e instigante sobre modos possíveis de sociabilidade, a partir da leitura de textos literários, “indagando a potência e as limitações atuais da escola e da biblioteca”. Ao explorar os conceitos de Pierre Lévy, a autora procura mostrar como “são requisitados outros modos de ver e de ler” e aprofunda reflexões sobre a importância e a função da escola no sentido de promover uma “desaristocratização” da cultura, o que só seria possível por meio de novos modos de formação de leitores e novas práticas de leitura. O ponto-chave do texto, parafraseando a autora, está em problematizar de que modo podemos “reconstituir ao redor do livro as sociabilidades que perdemos” (Chartier, 2002); em ampliar e (re)conhecer os lugares de socialização da leitura a fim de poder intervir e observar quando, onde

e como se pode promover a leitura, atentos às mudanças nos modos de ler os gêneros literários e não literários e às suas relações.

O terceiro capítulo é dedicado às questões voltadas para o ensino de literatura. Escrito por Glaucia Guimarães e Maria Cristina Ribas, “Literatura na universidade: dos conceitos pedagógicos à fruição literária” é um convite a novos modos de pensar/ensinar/tratar a literatura nas salas de aula das universidades, demonstrando a importância do espaço da biblioteca, com um acervo novo, como fundamental para o acesso e a fruição dos textos literários e como espaço de estudo e reflexão no âmbito das discussões teórico-metodológicas e de suas implicações no desenvolvimento das práticas em torno da leitura e da literatura infantojuvenil. O capítulo, além de relatar experiências de pesquisa com alunos graduandos, traz também reflexões teóricas importantes e revisões críticas pertinentes a respeito de ementas concentradas ainda numa visão “esquemática” da relação da leitura fruição e da leitura estética, bem como o aprofundamento das relações entre o ler e suas implicações e aplicações pedagógicas.

Em “Por uma alfabetização cidadã: por que ler e escrever a cidade de São Gonçalo com os sujeitos escolares?”, quarto capítulo, a autora, Maria Tereza Goudard Tavares, desafia nossos modos de olhar as cidades para compreendê-las como “território simbólico”. Assim, a autora entende a cidade como um “livro de espaços” para, assim, baseada nas concepções de Paulo Freire, defender que “aprender a ler e escrever é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender seu contexto, localizar-se no espaço social mais amplo, a partir da noção linguagem/realidade”. Dessa compreensão decorre a concepção de uma alfabetização crítica que, para Maria Tereza, nas palavras de Paulo Freire, significa “construir com as crianças das escolas parceiras de nossa investigação a percepção das relações entre o texto e o contexto, onde a leitura da palavra, da frase, do texto escrito jamais significasse uma ruptura com a leitura do mundo” (Freire, 1986).

“Entre narrativas e experiências investigativas: entrecruzando fios de histórias”, quinto capítulo do livro, escrito por Mairce da Silva Araújo e Simone Ribeiro Barros André, estabelece o diálogo entre duas pesquisas de experiências formativas a partir da prática de contação de histórias, que aparece como um eixo norteador das ações investigativas. Nesse sentido, as autoras reivindicam a contação de histórias como prática que reafirma a potencialidade da narrativa como espaço de formação e autoformação.

No sexto capítulo, nomeado “Literatura infantil no ensino superior: uma proposta vivida no curso de pedagogia”, Jacqueline de Fatima dos Santos Morais tematiza uma experiência vivida no âmbito da disciplina “Alfabetização”, oferecida no curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Uerj. O texto narra como a leitura de contos de fadas para estudantes do terceiro e quarto períodos pode ser significativa para a formação docente. Partindo da constatação empírica e de dados oriundos de pesquisas nacionais que apontam a pouca inserção dos estudantes universitários na cultura escrita, resultando em certa fragilidade na apropriação e compreensão da leitura, a autora realizou com seus alunos uma prática diária de leitura de um repertório oriundo da literatura infantil. O artigo discute os pressupostos do trabalho e defende a importância desses textos para a formação da professora que formará leitores e escritores na educação básica.

“Leitura e escrita na educação de jovens e adultos: notas sobre produção de sentidos em textos escolares”, sétimo capítulo, escrito por Marcia Alvarenga, problematiza aspectos implicados na alfabetização: as repercussões e os rebatimentos políticos e sociais que atravessam o contexto escolar, especialmente aqueles da educação de jovens e adultos. A autora, apoiando-se em Gramsci e Bakhtin, confere um tratamento ideológico à alfabetização. No capítulo, discute sua pesquisa desenvolvida com professores e estudantes jovens e adultos em uma escola pública de periferia urbana do estado do Rio de Janeiro. A prática da docência com

jovens e adultos pressupõe o trabalho com textos e o ensino de língua, de forma dialógica, para que estudantes de EJA e professores sejam despertados para “a construção de sentidos e sobre a vida em diferentes contextos e relações”. Nesses termos, a autora ressalva a importância da leitura e da escrita para jovens e adultos como “expressão criadora”, ou seja, como atos de expansão da vida interior, de acordo com Gramsci.

O oitavo capítulo, escrito pela professora Isabel Cristina R. Moraes Bezerra, intitula-se “Gêneros discursivos, ensino de língua estrangeira e prática docente: a vida em capas de revistas”. Trata-se de um diálogo entre leitura e escrita em língua estrangeira, cujas atividades expandem e ultrapassam o código instituído para se inserirem numa prática social leitora. O estudo está construído com base nas concepções de letramento ideológico de Street e de educação linguística crítica de Fairclough. Com relação a gêneros discursivos, a autora apoia-se em Bakhtin, Meurer e Freedman. Para dar suporte à concepção de prática pedagógica reflexiva, a autora aborda a prática exploratória desenvolvida por Allwright. Com base em atividades desenvolvidas na sala de aula de ensino básico, desconstrói uma visão estritamente formal, articulando-a ao uso dos gêneros discursivos com a vida dentro e fora da sala de aula como eixos fundantes e essenciais para a formação de leitores (em língua estrangeira).

O nono capítulo, “A leitura da palavra alheia e a construção do conhecimento em redações de vestibular”, está integrado ao projeto de pesquisa “A produção escrita de alunos do ensino médio: a aprendizagem do discurso elaborado e a construção do conhecimento”. Em coautoria, Victoria Wilson e Bruno Araújo discorrem, com base em Bakhtin, sobre a escrita formal, modalidade exigida no evento vestibular, articulada ao conhecimento escolar. Com o estudo, os autores esperam contribuir para uma melhor compreensão do trabalho com a linguagem, especialmente no tocante ao ensino de gêneros escolares, apresentando novas perspectivas para as reflexões a respeito da(s) leitura(s) da língua es-

crita, do conhecimento trazido pelo aluno em seus textos e, principalmente, da atitude dos professores experientes e em formação diante do ensino de línguas, em especial do discurso escrito, reconhecendo as linguagens sociais e os valores que se articulam nesse processo e estão intrinsecamente associados às práticas sociais de leitura e escrita.

Terminamos a apresentação deste livro retomando a ideia que nos moveu a produzi-lo: o compromisso coletivo na continuidade do debate acerca da leitura, na produção de palavras que evoquem contrapalavras, que suscitem novos diálogos e provoquem ações concretas que vitalizem a leitura nos diferentes espaços sociais. Não tivemos a pretensão de abordar todos os aspectos relacionados à leitura. As interfaces trazidas pelos diferentes autores, no entanto, abrem variadas possibilidades de pensar e viver essa temática. cremos, isto sim, que a leitura dos artigos aqui socializados possam nos mover a, coletivamente, tecer ações mais críticas e criadoras.

As organizadoras
São Gonçalo, abril de 2013.

1 Iniciação à docência, leitura e aproximações inventivas no território da biblioteca¹

Rosimeri de Oliveira Dias

Rafaela Corrêa Silva

Renata de Souza Moura

A BIBLIOTECA COMO TERRITÓRIO DE PRODUÇÃO DA VIDA NA ESCOLA

Este texto é feito da experiência que acontece no subprojeto de Pedagogia da FFP-Uerj², vinculado ao Projeto Saber Escolar e Formação Docente na Educação Básica do Pibid/Capes/Uerj³. O subprojeto coloca em análise a formação inicial e continuada de professores, buscando um refinamento do campo pedagógico⁴, tendo como princípio fundamental pensar e fazer a formação de professores na articulação entre universidade e escola básica, questão cara para os campos de análise e intervenção (Lourau, 1993) em ambos os territórios. Em tais campos, o subprojeto de Pedagogia ganha forma por meio de sete trabalhos desenvolvidos por 18 bolsistas de ID (iniciação à docência) e supervisionados

1. Este texto é uma ampliação acerca da discussão do trabalho “Biblioteca Viva: análise e intervenção na iniciação à docência”, apresentado no IV Congresso Internacional Cotidiano – Diálogos sobre Diálogos.

2. Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

3. Programa institucional de bolsas de iniciação à docência da Capes que objetiva o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica.

4. Isso quer dizer que pensamos e fazemos uma pedagogia para a escola básica com uma formação inventiva de professores (Dias, 2012), que envolve as noções de produção de subjetividade (Deleuze, 2005), políticas de cognição (Kastrup, 2005) e estética da existência (Foucault, 2004), arte e invenção (Kastrup, 2001). Para mais detalhes, acesse: <<http://www.pibiduerj.org>>. Acesso em: 18 ago. 2014; e o blog PIBIDianas do Macedão: <<http://macedaoblog.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 18 ago. 2014.